

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GIOVANA ALBIERO DELLOSSO CAVALCANTE

**OS SILENCIAMENTOS AOS SENTIMENTOS DAS
CRIANÇAS PEQUENAS**

SOROCABA -SP
2023

GIOVANA ALBIERO DELLOSSO CAVALCANTE

OS SILENCIAMENTOS AOS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientação: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Coorientação: Profa. Dra. Andréia Regina de Oliveira Camargo

Sorocaba-SP
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Cavalcante, Giovana Albiero Dellosso

Os silenciamentos aos sentimentos das crianças
pequenas / Giovana Albiero Dellosso Cavalcante -- 2023.
50f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Maria Walburga dos Santos

Banca Examinadora: Thaise Vieira de Araújo, Adriana
Santos Pinto

Bibliografia

1. Educação infantil. 2. Sentimento . 3. Silenciamento . I.
Cavalcante, Giovana Albiero Dellosso. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 30/2023/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso
Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

GIOVANA ALBIERO DELLOSSO CAVALCANTE

OS SILENCIAMENTOS AOS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 10 de novembro de 2023

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. ^a Maria Walburga dos Santos, Dr. ^a
Membro da Banca 1	Prof. ^a Thaise Vieira de Araújo, M. ^a
Membro da Banca 2	Prof. ^a Adriana Santos Pinto, M. ^a



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 10/11/2023, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:
Thaise V de Araujo
SAC9EA58053D4C3...

Prof.^a Thaise Vieira de Araújo, M.^a

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.040387/2023-70

SEI nº 1259858

DocuSigned by:
Adriana Santos Pinto
A07AC3973FC44DA...

Adriana Santos Pinto



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador 1259858 e o código CRC 7B24877F.

DEDICATÓRIA

Ao meu filho José Gabriel, que do meu ventre participou do processo de escrita deste trabalho e a todas as crianças que possuem seus sentimentos silenciados.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, agradeço a Deus por ser a base de tudo, ser auxílio, força e refúgio.

À minha família que sempre esteve ao meu lado me apoiando e me deu oportunidades para ser quem sou hoje. Especialmente minha avó Leonice, minha mãe Maria Tereza e minha sogra Daniela, as principais responsáveis pela minha escolha de profissão.

Ao meu marido Rodrigo que esteve ao meu lado durante todo o processo formativo, me dando força, auxílio, incentivo, sendo ombro para chorar e o primeiro a aplaudir minhas conquistas.

Às minhas amigas Beatriz, Isabella e Joyce. São presentes encontrados na Universidade que em nenhum momento soltaram a minha mão, sendo figuras marcantes durante a minha caminhada.

A todas as professoras e professores que passaram pela minha vida, me fizeram chegar até aqui e me inspiraram na profissão.

À professora Lúcia Lombardi que foi a primeira a me apresentar uma educação crítica, mais humana, alegre e otimista.

Às professoras Walburga dos Santos e Andréia Camargo, não só por toda a escuta e auxílio durante a escrita deste trabalho, mas também por me apresentarem uma visão diferente de criança e por me inspirarem na temática escolhida para este trabalho.

A todas as crianças que passaram pela minha vida e me ensinaram tanto. Obrigada por me inspirarem, por me ensinarem a ver a vida de uma maneira mais leve e alegre, por serem afeto e tranquilidade, por me ajudarem a ser uma pessoa melhor e a lutar contra as violências e injustiças. Em especial, às minhas irmãs Estela e Valentina; as primeiras que eu tive a oportunidade de ver nascer e auxiliar nos seus processos, as primeiras que me apresentaram a infância.

Por onde for, saiba, só o amor

Pode ser água, terra, semente

E tudo de bom.

Emicida, Mundo Bitá

RESUMO

CAVALCANTE, Giovana Albiero Delosso. *Os silenciamentos aos sentimentos das crianças pequenas*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2023.

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender como na educação infantil podemos educar e cuidar na perspectiva da indissociabilidade com o existir considerando os sentimentos das crianças pequenas. A pesquisa apresenta uma metodologia qualitativa a partir do estado do conhecimento, e apresenta os seus resultados apoiado no campo dos estudos da infância. Durante o seu desenvolvimento é possível encontrar alguns aportes teóricos sobre o sentimento de infância, os direitos das crianças e o acolhimento na educação infantil. Apesar da escassez de estudos encontrados nesta temática, foi possível elaborar pistas de como os sentimentos das crianças podem ser valorizados e não silenciados, principalmente no ambiente da educação infantil; como pela abertura para a escuta e o acolhimento; a garantia dos direitos das crianças; e a indissociabilidade do educar com o cuidar.

Palavras-chave: sentimento; infância; silenciamento; educação infantil.

ABSTRACT

CAVALCANTE, Giovana Albiero Dellosso. Silencing the feelings of young children. 2023. Undergraduate thesis (Degree in Pedagogy) - Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2023.

The main objective of this study is to understand how, in early childhood education, we can educate and care from the perspective of inseparability from existence, taking into account the feelings of young children. The research uses a qualitative methodology based on the state of knowledge, and presents its results based on the field of childhood studies. During its development it is possible to find some theoretical contributions on the feeling of childhood, children's rights and childcare in early childhood education. Despite the scarcity of studies found on this subject, it was possible to draw up clues as to how children's feelings can be valued and not silenced, especially in the early childhood education environment; such as by opening up to listening and welcoming; guaranteeing children's rights; and the inseparability of educating and caring.

Keyword: feelings; childhood; silencing; early childhood education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Charge “FRATO 93” – Os espaços para as crianças	19
Figura 2 - Charge “FRATO 90” – Atolado em brinquedos	19
Figura 3 - Charge “FRATO 89” – Sozinho com a televisão	20
Figura 4 - Charge “FRATO 93” – As prisões (1); As prisões (2)	20

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Levantamento no Portal de Periódicos CAPES	31
Tabela 2 - Textos selecionados a partir do resumo	32
Tabela 3 - Levantamento no Site de Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	33
Tabela 4 - Textos selecionados para análise	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 CAPÍTULO I: O QUE SE SABE SOBRE OS SENTIMENTOS E AS CRIANÇAS	17
3 CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	30
3.1 MOTIVOS DE EXCLUSÃO DOS TRABALHOS.....	36
4 CAPÍTULO III: COMPREENSÃO DOS ESTUDOS.....	37
4.1 OS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS.....	37
4.2 SENTIMENTO E EDUCAÇÃO.....	39
4.3 O SILENCIAMENTO AOS SENTIMENTOS.....	42
4.4 ENTRE DIÁLOGOS.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
6 REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Esse é um trabalho de conclusão de curso voltado para a área da educação infantil que tem como tema central sentimento e infância e se aprofunda na temática dos silenciamentos aos sentimentos das crianças pequenas.

Desde pequena a ideia era ser professora, venho de uma família de professoras; minha avó deu aula para o fundamental a vida inteira; minha mãe é formada em Letras e já deu aula desde as crianças até idosos; minha tia deu aula de Ciências para o fundamental por anos; ao começar a namorar (com 14 anos) conheci minha sogra, formada em Pedagogia que sempre lecionou com a educação infantil. Acompanhava minha mãe em suas aulas de inglês, principalmente na época que ela as ministrava em um curso específico da matéria, e por isso por volta dos meus 12/13 anos, quando me perguntavam o que seria quando crescesse a resposta estava na ponta da língua, considerei cursar Letras por um bom tempo. Conforme cresci e comecei a entender um pouco mais os meus gostos e aspirações percebi que o curso de Letras não me era válido, queria trabalhar com crianças pequenas, com educação infantil, tive contato com a área da Pedagogia, comecei a pesquisar e entender sobre e percebi que essa era a minha vontade.

Ao ingressar no curso todos os professores fizeram aquela “típica” pergunta “Por que você escolheu Pedagogia?” e eu respondia “porque eu acredito no poder de transformação da educação, principalmente a voltada para a infância; gosto muito de crianças e acredito que esse é o meu lugar.”. Como a área da educação sempre esteve presente em minha vida, eu acreditava e comprovava como ela era capaz de mudar a vida das pessoas. No colégio no qual estudei durante os meus últimos 5 anos de formação na educação básica tive a oportunidade de participar de obras sociais, e de vivenciar a partir disso o quanto a escola pode fazer a diferença na trajetória de uma criança.

Ao longo do curso pude perceber que realmente estava no lugar certo, a maioria das disciplinas me interessava, eu me animava com o decorrer delas, os temas propostos me instigavam e aguçavam cada vez mais a minha curiosidade. Os meus questionamentos começaram a surgir com as matérias de Psicologia, as discussões sobre a saúde mental das crianças, dos docentes, sobre a medicalização e a busca por um laudo; sobre o desenvolvimento infantil e suas etapas; em algumas PPP's (pesquisas e práticas pedagógicas) também tive a oportunidade de discutir com

mais criticidade a educação; nas matérias Corpo e Movimento e Metodologia do Ensino de Arte pude perceber o quanto ainda precisamos trilhar enquanto pedagogas para uma educação significativa. Porém, foram nas disciplinas de educação infantil (Educação e Infância: Processos específicos do trabalho pedagógico na Educação Infantil, Estágio Supervisionado I – Educação Infantil e Educação Infantil) nas quais discutimos o significado de infância; como essa criança foi vista e tratada historicamente até chegar aos dias de hoje; como a criança é colocada em uma posição de inferioridade/submissão; como o que ela sente passa despercebido; o porquê do choro ser visto como algo normal e na maioria das vezes não ser questionado, ou os adultos não se importarem com o motivo daquele choro; qual o papel da educação infantil no processo de desenvolvimento psicológico, social, cognitivo, cultural dos meninos e meninas que eu senti a necessidade desse estudo.

Em meio a tantas teorias e práticas surgiu um questionamento “Como deixar de negligenciar os sentimentos das crianças pequenas?” “Como cuidar e educar na educação infantil considerando os sentimentos das crianças pequenas?”, e consequentemente o tema deste trabalho.

A ideia “os silenciamentos aos sentimentos das crianças pequenas” aparece a partir das minhas vivências enquanto pedagoga em formação e das reflexões feitas em sala de aula. Nas minhas vivências em escolas de educação infantil e em ambientes familiares pude perceber com muita frequência frases como “Para de chorar”; “Por que você está chorando? Não tem motivo para isso”; “Não precisa chorar”; “O que é isso, parece até que está brava (o), criança não fica brava”; “Que cara fechada é essa? Criança bonita tem que sorrir”; “Não precisa ter medo disso”; “Essa criança é muito alegre, alguma coisa ela tem”; “Você, triste? Criança não tem motivo para ficar triste”; “Criança não sente raiva”; “Ele (a) nem sabe o que está sentindo”; “Que criança medrosa, tem medo de tudo”.

Presenciei uma educadora certa vez chamando a atenção de uma criança e após ela dizer duras palavras o menino começou a chorar, ela o reprimiu dizendo “E pode parar de chorar, não vou cair nessas suas lágrimas de crocodilo não.”; até mesmo em uma situação como esta a criança perde seu direito de chorar, de expressar o que está sentindo e, pior, ainda é tida como falsa. Além disso, notei que a grande maioria das crianças não sabe nomear o que estão sentindo, pois isso não é falado/mostrado/ensinado a elas. E com isso vão crescendo enquanto pessoas que não sabem dizer o que sentem e com a ideia de que não podem demonstrar esses

sentimentos, não podem demonstrar suas emoções, ou seja, muitas vezes isso é construído ainda na infância.

Trabalhei uma vez com os estudantes o livro “O Monstro das Cores” de Anna Llenas (2012), que traz a questão dos sentimentos como ideia principal; a ideia de precisarmos entender o que sentimos e que todos os sentimentos são válidos. Na história o monstrinho está confuso e uma menina o ajuda a organizar suas emoções, cada uma sendo representada por uma cor. Enquanto fazia a contação e conversava com eles percebi o quanto aquele momento estava sendo significativo pois puderam conhecer os sentimentos e o que os causa, um menino falou “criança não pode sentir raiva né, tia?”, eu respondi que pode sim, que todos os sentimentos são válidos e nós só precisamos prestar atenção em como vamos lidar com eles, como vamos colocar essa raiva para fora, por exemplo, mas que está tudo bem em senti-la. Durante vários dias que se seguiram surgiram falas do tipo “eu estou vermelho igual ao monstro, estou com raiva” ou “hoje estou amarelo de felicidade” ou, ainda, “hoje meu dia está todo azul de tristeza”.

Ao adentrar na escola enquanto educadora também ouvi muitas coisas nesse sentido, como “Deixa essa criança chorar, se você pegar no colo vai mimar”; “Você é muito mole, precisa ser mais firme”; “Vai acostumar essa criança mal”; “Você não pode fazer todas as vontades deles, se não vão montar em cima de você”; “Para te respeitarem você precisa gritar, não escutam de outro jeito”; “Não pega no colo não, é isso que ele(a) quer”; “Às vezes é preciso assustá-los (batendo no armário para fazer um barulho alto, por exemplo), assim param de bagunçar”; “Se a criança estiver assim sempre muito alegre, pode desconfiar, normal não é”. Todas essas falas contribuem para o silenciamento dos sentimentos das crianças, e ainda faz com que elas tenham esses adultos de referência, ao invés de respeito (esperado pela maioria das pessoas que dizem esse tipo de coisa), as crianças sentem medo e cria-se aí uma falsa impressão de que o que foi dito “resolveu”.

Confesso que também me identifiquei um pouco com essas questões, sempre fui uma criança quieta e acabava guardando tudo para mim, não chorava na frente das pessoas, não colocava para fora, e de tanto guardar na minha adolescência comecei a ter crises de ansiedade e de nervoso (meu corpo tremia e eu não conseguia controlar, eu chorava desesperadamente, meu coração parecia que sairia pela boca e me faltava o ar). A questão é que não tenho muitas recordações de ter escutado essas frases, mas já presenciei pessoas da minha família falando esse

tipo de coisa não só de maneira direta para alguém, mas também indiretamente e acabei deduzindo que eu ouvia, ou pelo menos já ouvi algo assim alguma vez. Recordo-me de ter medo de várias coisas, como chuva, escuro, ficar sozinha e de ser muito emotiva (continuo sendo bastante), chorava pelos mais variados motivos e esses dois pontos, o medo e o choro, com o passar dos anos acabaram sendo motivo de chacota e reclamações; “a Giovana chora por tudo”, “a Giovana tem medo de tudo” eram frases que eu ouvia com frequência.

Dois episódios me vêm à cabeça quando penso nesse assunto; o primeiro deles aconteceu comigo ainda criança na escola, eu estava chorando (não me lembro do motivo) e a professora falou “não precisa chorar, você é uma menina tão bonita, menina bonita não chora se não fica feia”, aquilo me travou no momento e desde então quando choro e me olho no espelho me sinto realmente feia, tenho vergonha de chorar na frente das pessoas, fico com raiva quando isso acontece, mas acaba sendo algo inevitável para uma pessoa que chora constantemente. O segundo foi por volta dos meus 9/10 anos em casa em um episódio de medo, estava chorando e eu comecei a chorar desesperada, um familiar veio até mim e disse “você é muito medrosa, tem medo de tudo, precisa ser menos mole”, até hoje tenho medo de chuva, pois ele nunca foi tratado e sim silenciado todas as vezes, já cheguei até a travar em prova e simulado pois do lado de fora chovia e ouvir aqueles barulhos era um tormento.

Ao analisar documentos como “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” de 2009 elaborado por Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg, que traz em sua primeira parte critérios para uma unidade de creche que respeite a criança e como um deles o direito da criança de expressar seus sentimentos, ou seja, as crianças têm direito à alegria e à felicidade, a expressar tristezas e frustrações. O tópico ainda traz que nós enquanto educadores deveríamos procurar ensinar os alunos e alunas a como expressar seus sentimentos e impulsos, enfrentar suas reações emocionais com carinho e compreensão, entender as reações e buscar orientação para enfrentar situações de conflito, ajuda-los no desenvolvimento de sua autonomia. Pude perceber a partir das minhas experiências que nas escolas, em sua maioria, isso não é respeitado, esses direitos das crianças não são garantidos e a questão do cuidar e educar (amplamente trazida no documento) considerando os sentimentos das crianças é deixada de lado.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) também trazem esta temática ao colocar o cuidado como algo indissociável ao processo educativo, ao propor experiências que promovam o conhecimento das crianças de si e do mundo por meio de experiências sensoriais, por exemplo, a indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e socio-cultural da criança entre outros. O cuidado nos espaços escolares está intimamente ligado a valorização dos sentimentos das crianças, atentar-se ao que a criança está sentindo, como ela expressa esse sentimento e o entende é imprescindível dentro do processo educativo.

Desta forma, a redação desse TCC foi organizada da seguinte maneira; no Capítulo I é apresentado o que se sabe sobre os sentimentos e as crianças, com escritos sobre o significado de sentimento; os direitos das crianças; o sentimento de infância; o acolhimento e os invariantes pedagógicos no ambiente da educação infantil. No Capítulo II a metodologia é explicada, e no próximo (Capítulo III) pode-se encontrar uma discussão entre o que foi encontrado sobre o tema durante a pesquisa bibliográfica e o que foi explanado no capítulo I. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

A partir do momento que comecei a conectar o que era dito sobre infância e criança nas aulas, as situações que presenciei nas minhas práticas e alguns estudos feitos por mim, pude perceber o quanto os adultos negligenciam/silenciam os sentimentos e as emoções dos pequenos e o quanto isso afeta no presente e futuro deles. Quero poder compreender tudo isso para que cada vez menos sentimentos e emoções sejam negligenciados e cada vez mais crianças sejam acolhidas, compreendidas e esclarecidas, para entender como cuidar e educar considerando os sentimentos das crianças pequenas.

2 CAPÍTULO I: O QUE SE SABE SOBRE OS SENTIMENTOS E AS CRIANÇAS

De acordo com o Dicionário Júnior da Língua Portuguesa (1996, p. 488), a palavra sentimento, tem três acepções:

sm **1.** Aquilo que se sente por pessoa, animal ou coisa – O amor é um sentimento/O ódio é um sentimento. **2.** Reconhecimento do que se deve fazer: noção, senso, sentido – Os soldados têm o sentimento do dever. **3.** Estado de sentir – O menino ficou com um sentimento de culpa por ter xingado o colega.

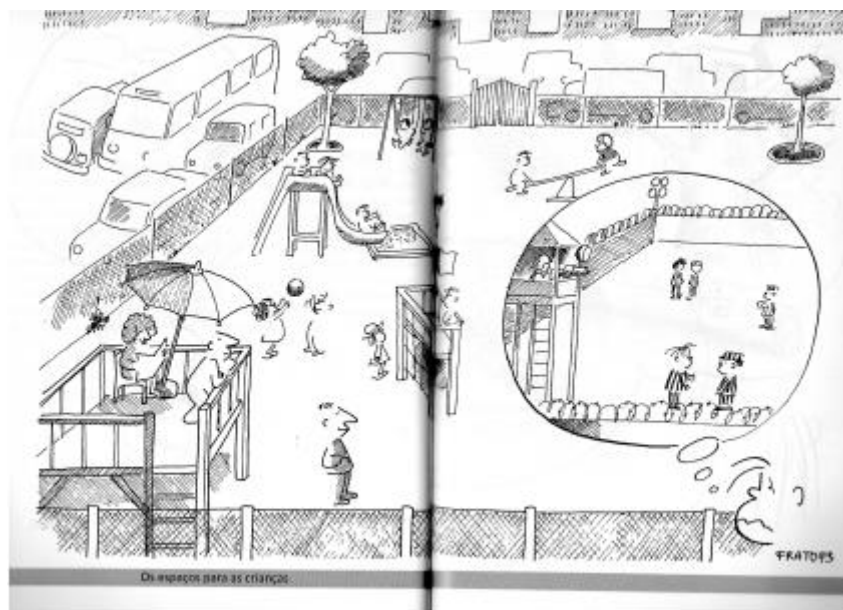
Os sentimentos refletem como nos sentimos, envolvem uma percepção cognitiva, não podem ser vistos, diferenciam-se das emoções e em muitos casos são escondidos pela sua alta complexidade de interpretação e entendimento.

O Dicionário de Filosofia (2007) de Nicola Abbagnano traz o significado de sentimento a partir de três versões: a de significar o mesmo que emoção; no sentido de pressentimento; e como “fonte de emoções, como princípio, faculdade ou órgão que preside às emoções, e do qual elas dependem, ou como categoria na qual elas se enquadram.”(p. 1039) - segundo o autor esta terceira é a mais comumente utilizada, quando se opõe o sentimento à razão, por exemplo. O sentimento se dá na subjetividade do ser humano e se relaciona com o seu objeto específico que é o valor.

A criança, desde o seu nascimento, tenta achar mecanismos para expressar o que está sentindo, seja por meio do choro, do riso, do olhar, de caretas, expressões faciais e corporais que aos poucos se transformam em palavras, em uma tentativa de dizer o que está sentindo; muitas vezes o adulto não entende essas expressões, e mesmo quando entende prefere, em alguns casos, silenciar ou até mesmo reprimir.

Francesco Tonucci trata dos sentimentos das crianças de uma maneira lúdica e crítica em seu livro *A Solidão da Criança* (2008). Tonucci nos apresenta uma criança que é só, mesmo com tantas leis e direitos garantidos, pois não tem espaço nem voz no mundo adultocêntrico; tudo é feito em teoria para elas, mas na prática nada é feito para e com elas. Os espaços não são pensados para que a criança brinque e seja livre, as cidades são perigosas e por isso as famílias, os responsáveis, os educadores a colocam em uma bolha de superproteção; mesmo os parquinhos de brincadeiras ao ar livre possuem grades, cercados; tudo é muito alto e grande, impedindo a visão e participação dos pequenos. O tempo não é organizado de acordo com as necessidades e vontades das crianças, mas sim dos adultos; tem hora para tudo, mas nunca é a hora da criança.

Figura 1 – Charge “FRATO 93” – Os espaços para as crianças



Fonte: TONUCCI (2008, p. 62, 63).

A sociedade atribui status a famílias que possuem filhos, mas não mais de um, um filho já é suficiente. E este filho único vive solitário em uma casa que não foi organizada para a sua chegada, não tem com quem brincar, mas possui uma infinidade de brinquedos, vive atolado nestes brinquedos que não fazem mais sentido para ele, pede para brincar com alguém e precisa escutar “vá brincar com os seus brinquedos, olha quantos você tem”. A criança é colocada em frente à televisão, aos celulares e “olha só que bonitinha tão pequena e já mexe melhor que eu no celular”. A criança é deixada sozinha com a televisão e seus brinquedos e “olha só que bonitinha tão pequena e já sabe se virar sozinha, nem precisa mais de mim”.

Figura 2 – Charge “FRATO 90” – Atolado em brinquedos



Fonte: TONUCCI (2008, p. 34).

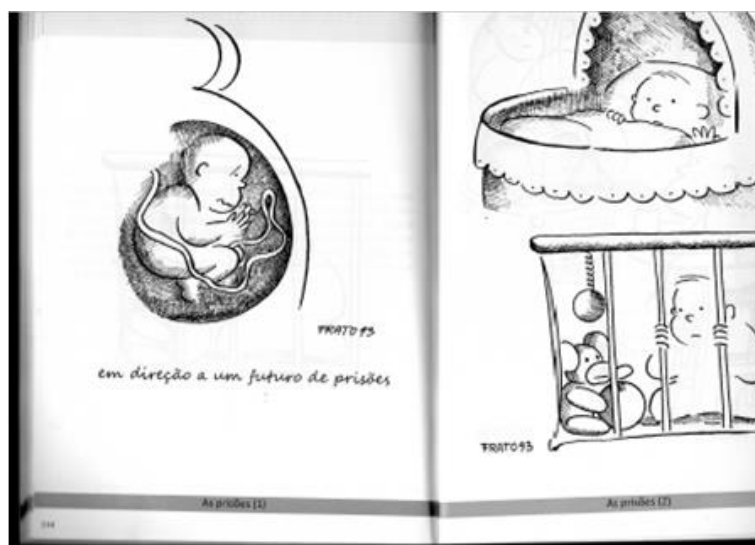
Figura 3 – Charge “FRATO 89” – Sozinho com a televisão



Fonte: TONUCCI (2008, p. 76).

E nesta solidão os sentimentos das crianças são desvalorizados, negligenciados, assim como os seus direitos. A criança, com todos os seus porquês, suas alegrias, tristezas, medos e inseguranças é deixada de lado; o que lhe é oferecido tanto nas escolas quanto nas suas casas é trivial, sem graça, não desperta interesse nem curiosidade; e com isso ela vai crescendo sozinha em um mundo que não lhe pertence, pois não é feito para ela.

Figura 4 – Charge “FRATO 93” – As prisões (1); As prisões (2)



Fonte: TONUCCI (2008, p. 144, 145).

O autor Janusz Korczak traz a questão dos direitos das crianças em seu livro *Como amar uma criança* (1997), principalmente o direito a ser amada e o quanto esse amar é contraditório e difícil, no sentido de precisarmos nos sacrificar para que ele aconteça. A criança tem direito a ser criança desde o momento em que sai da barriga da mãe, mas ela também é reprimida e oprimida desde esse dia, e por isso enfrenta dificuldades imensas no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Korczak (1997) coloca “Por medo de ver a morte levar seu filho, você o tira da vida; para não deixá-lo morrer, você não o deixa viver.” (p. 72), ou seja, com medo de que algo aconteça a criança é “colocada em uma bolha” e vai sendo podada a cada atitude, e isso vai aos poucos tirando-a do mundo, ela vai deixando de viver a infância e conseqüentemente deixará também de viver as outras fases como a adolescência.

As famílias se preocupam tanto com o amanhã, quem será ou como será a criança e acabam se esquecendo do hoje, do agora, de quem a criança é, como ela está. Pensam exageradamente em suas vestimentas, seus amigos, o colégio, as pessoas que as cercam, seu comportamento, e pouco em como esta se sente, em como se coloca na sociedade e para ela; e contraditoriamente quando este amanhã tão esperado chega, ele não será mais tão importante, pois outro já estará sendo pensado e planejado.

A criança tem o direito de se colocar, de tomar decisões, de pensar e agir, mas é controlada por seus familiares, e também nos ambientes formativos dos quais participa. Seus parentes planejam todos os seus dias, toda a sua vida, para que se encaixe naquilo que é o esperado por eles, sem levar em consideração as vontades, as alegrias e tristezas de seus filhos e filhas “Em nome de um futuro hipotético, subestima-se o que hoje são suas alegrias, tristezas, espantos, cóleras, paixões.” (KORCZAK, 1997, p. 73); a criança perde o direito até de sentir, de expressar e colocar seus sentimentos, pelo simples fato de colocarem nela uma carga do que ela será um dia, de espelharem nela suas próprias vontades.

O desejo da criança é colocado em discussão a todo o momento, principalmente quando não está de acordo com a moral pregada pela família, a criança não tem o direito de querer ou não querer alguma coisa, precisa obedecer àquilo que lhe foi imposto tanto em sua casa quanto em sua escola (por exemplo); ela precisa en-

tender as regras e não burla-las, mas sim respeita-las mesmo para que isso passe por cima daquilo que ela mesma acredita. A criança se perde nesse meio, não sabe quando “precisa” dizer sim ou não, não sabe quando pode querer ou não, quando deve aceitar ou não; e conseqüentemente nesse encontro de informações prefere o jogo, a brincadeira, os utilizam como uma fuga de todas essas regras e normas que tornam seus dias entediados, monótonos e confusos.

Korczak (1997) coloca o quanto a preferência pela proibição no lugar da paciência é perigosa, pois com ela acaba-se sufocando os pequenos; ou seja, proíbe-se tanto e todas as coisas, a autoridade é tamanha que os afeta de uma maneira que fica difícil exigir deles respeito. A paciência daria lugar a uma educação mais respeitosa e a criança não se sentiria oprimida.

A criança tem o direito de querer, reclamar, exigir. Tem o direito de progredir e de frutificar quando atingir a maioridade. Mas a educação a restringe: não fazer barulho, não arrastar os pés, escutar e executar ordens, não criticar e acreditar que todos apenas desejam seu bem. (KORCZAK, 1997, p. 179).

É importante ressaltar que a ideia de “frutificar” trazida pelo autor não entra na questão da expectativa de uma criança que dará frutos, no sentido de ser algo que o adulto espera que ela seja, mas sim de uma criança que pode ser o que ela quiser. A criança tem o direito de ser e existir como queira.

Entretanto, a educação restritiva faz com que os direitos das crianças sejam violados, muitas vezes negados. Elas possuem seus direitos assim como os adultos, porém com tantas regras e normas a serem seguidas e aceitas não conseguem aproveitá-los. Esta educação está presente em todos os lugares dos quais os pequenos fazem parte, existem pessoas que vão respeitá-las, mas não é o mais comum. Dentro de uma unidade de formação, por exemplo, os seus direitos são infringidos até mesmo em momentos que deveriam ser de descontração como nos intervalos; não pode correr, não pode gritar, precisa comer antes que o tempo acabe.

Com esse desrespeito aos direitos ainda na fase inicial da vida, a pessoa pode crescer com a ideia de que não pode se colocar, não pode agir de acordo com o que acredita, não pode nem mesmo pensar; poderá ser uma pessoa apática em relação a sociedade e a comunidade que a cerca, pois assim foi ensinado a ela; não conseguirá expressar suas vontades e seus sentimentos. Cresce e, na maioria das vezes reproduz o que lhe foi dado quando era menor: uma educação restritiva e de violação de direitos, afinal se eu não podia você também não pode.

Para poder respeitar e fazer valer os direitos das crianças é preciso conhecê-las, algo muito complexo sendo que cada uma possui sua singularidade e individualidade, para conhecer de fato uma criança é preciso participar ativamente de suas vidas, saber todas as suas vontades, suas necessidades, seus desejos; seus problemas, angústias, anseios, tristezas, frustrações; suas alegrias, contentamentos. Colocam-se as crianças em modelos dicotomizados: as boazinhas e as mal educadas, as barulhentas e as quietinhas, as que respeitam as regras e as que não respeitam, as que choram por qualquer coisa e as que nunca choram, as que brigam e as que não brigam, a lista é grande. E estas dicotomias fazem com que elas sejam olhadas a partir dessas características apenas.

Porém, cada criança é uma, com características diferentes que podem mudar ao longo do tempo. Nesse sentido o autor afirma “Não conhecemos a criança, pior ainda: nós a conhecemos através de preconceitos.” (KORCZAK, 1997, p. 249), tem-se uma ideia de infância que na maioria das vezes é preconceituosa, como se todos os pequenos fossem do mesmo jeito, se comportassem da mesma maneira, pensassem igual. E este preconceito pode ser percebido tanto de uma maneira geral, quando diz respeito a todas as crianças, quanto individual quando diz respeito a uma criança especificamente.

Isto é, para conhecer as crianças é preciso livrar-se dessas ideias e adentrar no mundo delas, pois o processo de conhecimento é essencial na valorização dos direitos principalmente no direito delas de serem amadas. É um processo complexo, delicado, que muitas vezes exige um sacrifício, mas necessário para que a criança sinta-se amada como ela é, com sua subjetividade e particularidades.

Malaguzzi é outro autor que trata da questão dos direitos das crianças em seus estudos. Segundo FORMOSINHO et al (2007) para ele, as crianças são

[...] sujeitos de direitos individuais, jurídicos, civis, sociais: como portadoras e construtoras de suas próprias culturas e, logo, participantes ativas da organização de suas identidades, autonomias e competências através das relações e interações [...]. (p. 288).

Sua pedagogia traz a criança como protagonista, denuncia seus preconceitos e chama atenção para o sofrimento da infância. Sua principal contribuição foi depositar na criança confiança e credibilidade, pois a via como autônoma e construtora de culturas. Além disso, pensa em uma pedagogia de valorização da escuta, das diferenças e das relações e a vê como um motor para a transformação social.

[...] a principal herança deixada por Malaguzzi foi tornar essa criança o centro de sua pedagogia, que a reconhece como ativa, inventiva, envolvida, capaz de explorar, curiosa, aceitando o desafio de exprimir-se nas mais diferentes linguagens com as mais diferentes intenções. (FORMOSINHO et al, 2007, p. 281).

Porém, nem sempre a criança foi vista e entendida desta maneira, e o que entendemos por infância hoje é fruto de um longo período de reflexões e (re)formulações. Philippe Ariès traz no primeiro capítulo de seu livro *História Social da Criança e da Família* (2006) como o sentimento de infância aparece e se desenvolve na sociedade a partir, principalmente, de pinturas, da literatura, das vestimentas e costumes. Na sociedade medieval, utilizada como ponto de partida para análise, o sentimento de infância era inexistente, e assim que já era capaz de viver sem auxílio de sua mãe ou ama a criança era colocada no mundo dos adultos e não se distinguia mais deles, “A ideia de infância estava ligada a ideia de dependência [...]. Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou seja ao menos, dos graus mais baixos da dependência.” (ARIÈS, 2006, p. 11).

Esta ideia está muito atrelada a dificuldade de marcar no tempo a infância; as idades e os números eram muito importantes e não se sabia precisar em qual idade a pessoa ainda era considerada criança, por isso utilizavam marcas como o começar a falar, andar, o aparecimento dos dentes e seu firmamento, a fase na qual ainda brincam, vão à escola, se apaixonam, praticam seus ofícios, ou seja, a marcação era muito mais a partir de funções sociais do que etapas biológicas. Além disso, não existia uma palavra para definir a criança, muitas línguas como o latim, francês, inglês e italiano utilizavam palavras diferentes com sentidos diferentes para designar as crianças, o termo *enfant* (não falante) do francês era um dos mais utilizados.

Nas artes em geral, como pinturas e esculturas, a imagem da criança era deformada e muito parecida a um adulto em miniatura, atribuía-se a elas musculatura de adultos e era como se fossem homens de tamanho reduzido, a infância ainda era desconhecida e por este motivo Ariès (2006) coloca “É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo.” (p. 16).

Por volta do século XIII alguns tipos de crianças surgiram, como anjo, menino Jesus ou Nossa Senhora menina, imagens muito voltadas a religiosidade e ao sagrado, crianças educadas e comportadas, com semblantes calmos e serenos. E a imagem da criança nua, despida, muitas vezes coberta apenas com um paninho.

A morte da criança inicialmente não importava, muitas nasciam para que algumas pudessem falecer, o fim era inevitável e em alguns casos nem sua própria mãe sentiria a perda. Esse sentimento, entretanto, mudou “O aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marcou portanto um monte importante na história dos sentimentos.” (ARIÈS, 2006, p. 23), a morte da criança não era mais considerada uma perda inevitável e passa a ser sentida e vista a partir da pintura.

No século XVII a criança começa a ser representada sozinha, pois antes apenas apareciam com adultos, seus familiares, e as famílias começam a querer retratos de seus filhos ainda pequenos, que quando não eram representados sozinhos estavam ao centro da imagem e os demais se organizavam em torno deles; o que representa uma importante mudança de pensamento e sentimento em relação a infância.

Em relação às vestimentas e aos trajes

[...] vestem-se ambos exatamente como sua irmã, ou seja, como duas mulherzinhas: saia, vestido e avental. Este era o traje dos meninos menores. Tornara-se hábito no século XVI vesti-los como meninas, e estas, por sua vez, continuavam a se vestir como mulheres adultas. A separação entre crianças e adultos ainda não existia no caso das mulheres. (ARIÈS, 2006, p. 33).

Ou seja, era possível perceber uma marcante diferença entre os meninos e as meninas, era como se eles pudessem viver a infância mais significativamente do que elas que desde muito pequenas eram até mesmo vestidas como adultas.

Criou-se um traje específico para as crianças, no fim do século XVI, como se fosse um uniforme; a criança já vista como separada dos adultos, deveria ter também uma roupa própria. Esta vestimenta remetia a uma túnica longa, parecida com um vestido, porém era utilizada pelos pequenos de famílias burguesas, os filhos de camponeses e artesãos continuavam a usar roupas de adultos.

Os jogos, brincadeiras, festas, brinquedos e eventos da infância também mostram o quanto o sentimento em relação a essa fase se alterou no decorrer dos anos e assim como com os trajes, os primeiros jogos e brincadeiras das crianças estavam relacionados aos jogos e brincadeiras dos adultos; jogos de exercício, de carta, rimas e mímica eram muito comuns; os meninos eram introduzidos na música e na dança ainda pequenos; e meninos e meninas brincavam com bonecas e brinquedos em miniatura, e muitos destes brinquedos remetiam as atitudes dos adultos,

como o cavalo de pau por exemplo. Nesse sentido “A infância tornava-se o repositório dos costumes abandonados pelos adultos.” (ARIÈS, 2006, p. 49).

Os pequenos possuíam papel ativo nas cerimônias tradicionais, como a Festa de Reis e nas cerimônias religiosas, e assim como havia uma precoce introdução na dança e na música havia também nos jogos dramáticos, nas representações dramáticas. As crianças participavam ativamente tanto como atores quanto como espectadores em meio aos adultos.

A partir dos séculos XVII e XVIII uma mudança de pensamento surgiu e começou-se a se preocupar com a preservação da moral das crianças e sua educação, portanto alguns jogos, brincadeiras, literaturas e representações artísticas passaram a ser proibidos para aqueles que se encontravam na infância, e principalmente entre os estudantes os quais conviviam com uma reprovação absoluta destas atividades.

Após este período “Um sentimento novo, portanto, apareceu: a educação adotou os jogos que até então havia proscrito ou tolerado como um mal menor.” (ARIÈS, 2006, p. 65), passaram a valorizar os jogos que incluíam exercícios, principalmente. Os jogos educativos dos Jesuítas, a ginástica dos médicos, o treinamento dos soldados e a necessidade de patriotismo deram espaço à ascensão deste novo sentimento permitindo às crianças e aos jovens da época participarem de clubes de ginásticas, treinamentos militares, entre outras atividades.

O autor sublinha, ainda, as diferenças de classe muito acentuadas no que diz respeito aos jogos. O acesso aos torneios, por exemplo, era proibido tanto aos plebeus quanto as crianças, somente os nobres adultos tinham o direito de participar, o que segundo Ariès (2006) mostra a relação entre o sentimento de classe e o sentimento de infância.

Uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitada de todas, exige que diante das crianças os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa, a assuntos sexuais. Esse sentimento era totalmente estranho à antiga sociedade. (ARIÈS, 2006, p. 75).

O costume da época era associar as crianças às brincadeiras sexuais, era uma prática familiar e não chocava a sociedade como um todo, pois isso fazia parte da ideia que se tinha de infância. Tinha-se uma liberdade de linguagem, gestos e contatos físicos com os pequenos, eles viam e participavam de tudo, nada era “proibido” ou escondido.

Esta questão começa a mudar a partir do século XV quando educadores e moralistas a partir de observação e estudo das crianças e suas práticas sexuais começam a questionar certas atitudes e linguagens utilizadas pelas crianças e para com elas. Para isso, utilizaram a imagem da religião colocando como pecado tais práticas e fazendo com que os adultos mudassem seus modos de agir, principalmente no que dizia respeito à linguagem, para que as crianças também tivessem essa mudança. Os livros também passaram a ser restritos para que comportamentos considerados pecaminosos fossem prevenidos,

[...] no fim do século XVI uma mudança muito mais nítida teve lugar. Certos educadores, que iriam adquirir autoridade e impor definitivamente suas concepções e seus escrúpulos, passaram a não tolerar mais que se desse às crianças livros duvidosos. Nasceu então a ideia de se fornecer às crianças edições expurgadas de clássicos. Essa foi uma etapa muito importante. É dessa época realmente que podemos datar o respeito pela infância. (ARIÈS, 2006, p. 83).

O sentimento de infância firma-se então em uma ideia de inocência infantil, de uma pureza divina, fraqueza e moral que precisava ser preservada. Surge com isso certa irritação, desprezo, antipatia e repugnância em relação a esse tratamento, a essa infantilidade e à preocupação excessiva que se tinha para com as crianças. De um lado, portanto, via-se uma indiferença em relação à infância, e de outro um excesso de atenção e preocupação.

Outra contradição é posta, a da infância preservada, conservada *versus* a infância tornada mais velha do que realmente é. O manual de civildade “pueril e decente” é elaborado com o intuito de manter a ideia da inocência e de aumentar a devoção por uma “santa infância”; inicia-se um movimento de interesse maior pelas crianças, com a criação de pequenas escolas e de uma preocupação pedagógica.

É possível perceber o quanto os séculos XVI e XVII foram importantes no processo de evolução do sentimento de infância, no que diz respeito aos trajes, as pinturas, a linguagem utilizada e principalmente nos modos de agir e de pensar. A criança que antes não importava, passou a ser paparicada a ponto de causar irritação em alguns adultos; e a preocupação com sua moral, com o seu psíquico, sua racionalidade torna-se latente entre os educadores e moralistas e acaba se transferindo para o ambiente familiar. Muito do que pensamos e entendemos da infância hoje veio deste período.

Freinet é um dos autores que rompe com os ideais antigos e traz uma nova visão da infância, pois em suas contribuições é possível encontrar uma confiança na criança, em sua competência para agir e pensar, e isso muito tem a ver com a sua história. O pedagogo foi o criador do Movimento da Escola Moderna Francesa (século XX) que trazia ideias progressistas e buscava uma escola para o povo de qualidade e que estivesse voltada para a transformação social. Ademais, coloca o exercício da cidadania como um ponto crucial para a educação; uma educação que não deveria discriminar as classes sociais, mas sim inseri-las dentro do processo educativo para que os alunos sentissem a ligação entre a educação e os meios em que viviam.

Como a primeira classe na qual lecionou foi de uma escola pública rural, sua ideia de uma educação que quebrasse os paradigmas e levasse as realidades dos estudantes para dentro do ambiente escolar ganhou mais força, e a partir disso ele começou a pensar em uma troca de experiências e vivências, em um contato entre alunos de diferentes classes sociais.

Para Freinet a educação era uma preparação para o mundo do trabalho, e este trabalhador deveria ser crítico e ativo na sociedade para que pudesse transformá-la; porém a escola não exercia esse papel, muito pelo contrário, possuía normas rígidas que deveriam ser seguidas e era contrária à experiência e à criatividade infantis.

São muitas as suas contribuições para a educação que advêm de todos os seus questionamentos e ideais. Sua pedagogia se fundamenta em quatro eixos (cooperação, documentação, comunicação e afetividade) pensados, principalmente, com o intuito de emancipação das crianças e conseqüente transformação do meio em que viviam. As classes cooperativas e multisseriadas foram intencionadas para que houvesse uma troca de ideias, pensamentos e produções entre os estudantes.

Entre as técnicas elaboradas por Freinet para se ter um novo tipo de escola, de educação e de sociedade está a do jornal ou imprensa escolar que tinha como base a livre expressão a partir de textos e desenhos e também a troca de experiências entre os alunos; a partir disso eles aprenderiam técnicas de impressão e poderiam até trocar correspondências com outras escolas; configura-se assim como uma socialização da livre expressão das crianças, “A Pedagogia Freinet concebe, assim, a criança como produtora que não se aliena do processo de produção e de distribuição da sua “obra” [...]” (FORMOSINHO et al, 2007, p. 175). As oficinas também se

incluem nestas técnicas, assim como a aula-passeio, o livro da vida, o plano de trabalho e a assembleia corporativa semanal.

Os princípios nos quais se baseiam as técnicas são os invariantes pedagógicos também pensados e elaborados por Freinet e alguns deles se encaixam na questão dos sentimentos das crianças, por isso merecem uma atenção maior. O primeiro deles é “A criança é da mesma natureza que o adulto”, ou seja, adultos e crianças vêm do mesmo lugar, todo adulto já foi criança um dia e por este motivo o adulto não pode fazer com a criança aquilo que não gostaria que fizessem com ele; além disso este invariante coloca a criança equiparada ao adulto assim como o segundo “Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros”, não é porque alguém é mais velho ou maior de tamanho que precisa tratar os menores com indiferença ou de maneira autoritária.

O terceiro “Só se pode educar dentro da dignidade. Respeitar as crianças, devendo estas respeitar as seus professores, é uma das primeiras condições da renovação da escola”, educar dentro da dignidade significa respeitar as crianças, seus modos de agir e de pensar, seus sentimentos e emoções, e a partir do momento que esta criança é respeitada ela também irá respeitar a figura adulta; é uma relação de reciprocidade, se eu não respeito como posso exigir respeito?

Dentro disso aparece o quarto invariante “A criança, mais do que o adulto não gosta de ser mandada autoritariamente” a partir do momento que se tem este tipo de tratamento com as crianças, elas não estabelecerão uma relação de confiança e respeito, mas sim de medo; ela pode até “obedecer”, mas não irá respeitar. Mandar autoritariamente não leva em conta o que a criança está sentindo, muito pelo contrário negligencia isso.

“Ninguém, criança ou adulto, gosta de ser controlado ou sancionado, o que é considerado sempre uma ofensa à sua dignidade, sobretudo se publicamente se exerce”, tem-se a sensação de que as crianças precisam ser controladas e ensinadas a todo o momento, e isto acontece nos mais variados ambientes (públicos ou privados). É interessante pensar este invariante a partir do primeiro; o adulto não gosta e não quer ser controlado muito menos punido, então não tem porque fazer o mesmo com a criança.

O último a ser destacado aqui diz respeito aos castigos. Castigar uma criança não vai fazer com que ela entenda a punição ou que aprenda o “certo” e na grande maioria das vezes não terá o resultado desejado; ademais, desrespeita completa-

mente os sentimentos daquele que está sendo castigado, como coloca “Os castigos são sempre um erro. São humilhantes para todos e não condizem nunca ao fim desejado. Além disso, não passam de um paliativo”.

Gianfranco Staccioli em seu escrito “Diário do acolhimento na escola da infância” (2013) discorre sobre o acolhimento no ambiente escolar, e este acolhimento está diretamente relacionado aos sentimentos das crianças, “Acolher uma criança é, também, acolher o mundo interno da criança, as suas expectativas, os seus planos, as suas hipóteses e as suas ilusões.”(STACCIOLI, 2013, p. 28).

Este acolhimento é um método de trabalho e deve ser pensado e planejado não só quando a criança inicia na instituição escolar, mas também durante todo o ano letivo, todas as mudanças que houverem. É importante preparar e organizar os ambientes da escola; valorizar as brincadeiras, tanto as guiadas quanto as espontâneas; acompanhar as crianças e não abandoná-las; confiar na criança; estar ao lado das crianças; permitir a participação ativa da família; respeitar as vontades das crianças; e dar abertura para a escuta.

A partir do momento que o pequeno se sente seguro e confortável na escola, sua experiência será muito mais significativa, é preciso ter um olhar aguçado para as singularidades, particularidades e subjetividades que cada um possui, para que o adulto possa entender a criança e a criança possa também entender o adulto.

Acolher as crianças significa deixar espaços tempo para que as histórias de todas elas possam se desenvolver com calma, para que cada uma possa sentir a continuidade entre a experiência familiar e a escolar e possa encontrar o modo de fazer passar a ansiedade ou o próprio entusiasmo. (STACCIOLI, 2013, p. 61).

3 CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A abordagem metodológica utilizada na pesquisa anunciada é a qualitativa a partir do estado do conhecimento que segundo Morosini (2015) diz respeito a uma transformação das crenças iniciais do pesquisador em fato científico a partir da busca e conhecimento dos trabalhos produzidos (teses, dissertações, periódicos, livros) sobre a temática escolhida, ou seja, a verificação do conhecimento.

Foi realizada a partir da pesquisa bibliográfica a fim de conhecer os trabalhos já produzidos sobre o tema; como livros escritos por autores e especialistas das áreas da Educação Infantil, do sentimento infantil e de infância, dos direitos das crianças; além de trabalhos encontrados na base de dados da CAPES (Coordenação

de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) a partir do ano de 2009, pois foi o ano no qual as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram instituídas.

O levantamento bibliográfico foi feito utilizando os seguintes descritores: sentimento e infância; silenciamento e sentimento; silenciamento e infância; crianças pequenas e sentimento.

A pesquisa foi feita no site da CAPES com cada descritor individualmente, e os textos foram considerados do ano de 2009 até o ano de 2023. As referências encontradas e selecionadas para a pesquisa foram organizadas nas tabelas a seguir ¹.

Tabela 1: Levantamento no Portal de Periódicos CAPES

Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior < https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php? >			
Palavras-chave	Total de referências registradas	Total de referências selecionadas a partir do título	Total de referências selecionadas a partir do resumo
Sentimento e infância	355	12	6
Silenciamento e sentimento	16	0	0
Silenciamento e infância	51	6	4
Crianças pequenas e sentimento	33	0	0

Fonte: Elaborada por Giovana Cavalcante a partir de dados da CAPES

Tabela 2: Textos selecionados a partir do resumo

Título	Nome do(a) autor(a)	Ano de publicação	Local
A visão das cri-	Claudia Ho-	2014	Universidade Federal do

¹ Esta pesquisa não será utilizada para a compreensão dos estudos

anças sobre a felicidade	fheinz Giacomoni; Luciana Karine de Souza; Claudio Simon Hutz		Rio Grande do Sul; Universidade Federal de Minas Gerais
A escrita como possibilidade de expressão infantil	Marina Muniz Monteiro de Barros Soares; Fernanda Duarte Araújo Silva	2020	Universidade Federal de Uberlândia
As infâncias na creche – cenas do cotidiano	Julice Dias; Luciana Mara Espíndola Santos	2013	Universidade do Estado de Santa Catarina
“É assim que se é criança”: quando a infância silencia na educação infantil (e na vida)	Amanda Silva de Medeiros; Sueli Scherer	2021	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Itália e Brasil em isolamento: contexto para silenciamento das crianças pequenas?	Lisandra Ogg Gomes; Maria Aparecida Antero Correia; Giuseppina Messetti	2020	Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade de São Paulo; Università degli Studi di Verona, Itália
Limites e possibilidades de escuta na Educação Infantil, de Ligia de Carvalho Abões Vercelli e Adri-	Tatiane Sesztak Leonardi; Ligia de Carvalho Abões Vercelli	2022	Universidade Nove de Julho

ana Siqueira Russo (org.). Jundiaí: Paco, 2021. 112 p.			
Se deus me chamar não vou: um olhar para as emoções da infância e da adolescência	Leonardo Eustáquio S. da Silva; Daiane Aparecida A. de Oliveira	2023	Colégio CIMAN; Universidade de Brasília
Validação das emoções na infância: vergonha, ansiedade e sintomatologia depressiva	Sara Lourenço; Lara Palmeira; Alexandra Dinis; José Pinto Gouveia	2010	Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINNEIC).

Fonte: Elaborada por Giovana Cavalcante a partir de dados da CAPES

Dado o número de trabalhos encontrados e após conversa com as orientadoras optou-se por realizar uma nova pesquisa no site da CAPES com os seguintes descritores: sentimento e infância; silenciamento e sentimento; silenciamento e infância; criança e sentimento. Foram consideradas as dissertações e teses a partir do ano no qual as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram instituídas (2009) até o ano de 2023. Os resultados da pesquisa estão apresentados nas tabelas a seguir.

Tabela 3: Levantamento no Site de Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior < https://catalogodeteses.capes.gov.br/ >			
Palavras-chave	Total de referências registradas	Total de referências selecionadas a partir	Total de referências selecionadas a partir

		do título	do resumo
Sentimento e infância	303	6	1
Silenciamento e sentimento	170	1	0
Silenciamento e infância	171	3	0
Criança e sentimento	910	11	3

Fonte: Elaborada por Giovana Cavalcante a partir de dados da CAPES

É válido ressaltar a falta de referências encontradas ao utilizar os descritores “silenciamento e sentimento” e “silenciamento e infância”; a partir do título quatro textos pareciam estar de acordo com o tema, porém ao ler os resumos percebi que não se tratava do mesmo assunto. Realizei também uma pesquisa acrescentando “educação infantil” aos descritores “silenciamento e sentimento” e “silenciamento e infância” e os resultados encontrados foram ainda mais baixos, ou seja, não consegui encontrar no site da CAPES teses e dissertações que abordem a temática do silenciamento em si.

Tabela 4: Textos selecionados para análise

Título	Nome do(a) autor(a)	Nome do(a) orientador(a)	Ano de publicação	Local
O desenvolvimento de emoções e sentimentos na infância como fundamento psicológico da educação escolar	Jéssica Bispo Batista	Profa. Dra. Juliana Campregher Pasqualini.	2019	UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)
O desenvolvimento das emoções e senti-	Tatiane da Silva Pires Felix	Prof.º Dr.º Irineu Aliprando Tuim	2018	UNESP (Universidade Estadual Pau-

mentos da criança na construção de sua personalidade: as atividades artísticas como mediadoras desse processo na escola		Viotto Filho		lista “Júlio de Mesquita Filho”)
Experiências maternas frente à continência dos medos infantis	Luciana Berto Daher Buihães	Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão	2010	UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)
A percepção das emoções e dos sentimentos na base nacional comum curricular e suas influências sobre as práticas pedagógicas de educadores na educação infantil, em Três Lagoas/MS	Daniela da Silva Pereira Alcamim	Prof. ^a Dr. ^a Carla Busato Zandavalli	2021	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Fonte: Elaborada por Giovana Cavalcante a partir de dados da CAPES

3.1 MOTIVOS DE EXCLUSÃO DOS TRABALHOS

Após a escolha dos trabalhos a partir da leitura dos seus resumos iniciei um processo de leitura e observação dos seus sumários e introduções. A tese de doutorado de Tatiane da Silva Pires Felix intitulada “O desenvolvimento das emoções e sentimentos da criança na construção de sua personalidade: as atividades artísticas como mediadoras desse processo na escola” traz algumas perspectivas sobre o desenvolvimento humano e sobre as emoções humanas, porém seu enfoque maior é na importância das artes para o desenvolvimento das emoções e sentimentos da criança e da personalidade humana; além disso, a autora trabalha em uma linha de processo interventivo formativo com crianças do segundo ano do Ensino Fundamental. Por estes motivos, a tese não será utilizada.

A dissertação “Experiências maternas frente à continência dos medos infantis” de Luciana Berto Daher Bulhões também não será utilizada, pois seu enfoque é na angústia e no medo e na continência das mães em relação a estes sentimentos. Ademais, a autora traz uma visão mais voltada para a psicanálise e discute casos de mães com seus filhos.

Para a compreensão dos estudos serão utilizadas duas dissertações, a de Jéssica Bispo Batista “O desenvolvimento de emoções e sentimentos na infância como fundamento psicológico da educação escolar” que apesar de apresentar um foco na psicologia, traz contribuições efetivas para esta monografia, com uma ideia das emoções e sentimentos e suas implicações para a educação. E a de Daniela da Silva Pereira Alcamim “A percepção das emoções e dos sentimentos na base nacional comum curricular e suas influências sobre as práticas pedagógicas de educadores na educação infantil, em Três Lagoas/MS”, que apresenta as emoções e os sentimentos segundo a Base Nacional Comum Curricular e como as(os) educadoras(es) da educação infantil da Rede Municipal da cidade de Três Lagoas/MS os percebem e interpretam.

Para a compreensão dos estudos, irei tecer um diálogo entre os trabalhos escolhidos, as escritas dos capítulos anteriores e o objetivo principal desta monografia “Compreender como na educação infantil podemos educar e cuidar na perspectiva da indissociabilidade com o existir considerando os sentimentos das crianças pequenas”, e conseqüentemente elucidar o que os trabalhos atuais trazem como conceitos/práticas importantes para compreender/evidenciar os sentimentos das crianças.

4 CAPÍTULO III: COMPREENSÃO DOS ESTUDOS

Para início da compreensão é válido ressaltar como esta se iniciou. A partir da escolha das dissertações de Jéssica Bispo Batista (2019) e de Daniela da Silva Pereira Alcamim (2021), e de outro escrito como o livro “Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil” de Maria Carmen Silveira Barbosa, foram elaboradas algumas questões de acordo com os objetivos pensados para esta monografia. As perguntas “o que o texto traz sobre os sentimentos das crianças?”, “qual a relação apresentada no texto entre os sentimentos e a educação?” e “o texto apresenta falas e/ou pistas sobre o silenciamento aos sentimentos?” foram pensadas a fim de facilitar a compreensão e interpretação das dissertações.

4.1 OS SENTIMENTOS DAS CRIANÇAS

Ambas as dissertações apresentam os estudos de Vigotski e seus colaboradores/pesquisadores sobre as emoções e os sentimentos. Vigotski estudou os sentimentos a partir do materialismo histórico-dialético e procurou construir uma teoria que rompesse com o dualismo razão-emoção, além disso, postulou que o desenvolvimento do indivíduo se dava, principalmente, a partir das interações sociais e do contato com o entorno; por este motivo os sentimentos são colocados como sociais e históricos, constituem-se nos sujeitos a partir da internalização de determinados significados sociais.

Existe uma relação entre o pensamento, a linguagem e as emoções e sentimentos. A formação da linguagem e do pensamento é tida como essencial para a colocação da intencionalidade e para a organização da atividade psíquica, consequentemente para o desenvolvimento do sentimento. Espinosa observa a conexão entre os afetos e o pensamento; ideia também colocada por Vigotski, “Para o autor, os afetos são a percepção por meio dos sentidos que traduzem significações e representam as conexões entre os indivíduos e/ou objetos e os processos intelectuais” (ALCAMIM, 2021, p. 43), ou seja, é por meio do afeto que os processos de desenvolvimento psíquicos da criança se iniciam.

Segundo Batista (2019) Vigotski ainda estuda as especificidades das emoções e dos sentimentos, ambos orientam a atividade humana e um forja o outro, porém as emoções se alocam no plano situacional e os sentimentos no plano abstrato “[...] as emoções fundam a esfera afetiva do psiquismo e a partir do desenvol-

vimento da atividade os sentimentos se desenvolvem.” (BATISTA, 2019, p.33); os sentimentos são constituídos tanto de impressões como de complexos sistemas valorativos, conceituais e ideológicos. Neste sentido, as vivências se dão como o elo entre as emoções e os sentimentos e a atividade em movimento, “As vivências determinam as manifestações dos sentimentos e das emoções.” (ALCAMIM, 2021, p. 46).

Batista (2019) escreve sobre as emoções, sentimentos e suas especificidades conforme os períodos de desenvolvimento infantil, “No início do desenvolvimento infantil, na primeira infância, a criança sinaliza através de ações que representam emoções (choro, riso, expressões faciais e posteriormente através da fala) se algo foi bom ou ruim.” (p. 63). Quando ainda é bebê existe uma mistura entre as sensações, emoções e a motricidade, e é importante diferenciar as necessidades biológicas (saciáveis, possuem um fim) e sociais (insaciáveis); o adulto possui o papel de colocar a criança na qualidade de sujeito e de auxiliar no desenvolvimento da comunicação que é tida como emocional, “[...] porque as emoções são os recursos que o bebê possui neste momento para expressar sua relação com a realidade objetiva.” (BATISTA, 2019, p. 69).

Na crise do primeiro ano se inicia a possibilidade das emoções tornarem-se voluntárias a partir do uso da palavra através da fala autônoma infantil. Já na crise dos três anos, localizada no período da infância, a criança vive uma contradição entre a comunicação baseada nas bases psíquicas passadas, seu emocional, e as projeções futuras, a fala.

Na idade pré-escolar a brincadeira de representar papéis sociais demonstra o envolvimento emocional da criança com aquele papel específico e o enredo, ou seja, as emoções expressam também as relações sociais oferecidas a esta criança. O pequeno consegue controlar seu comportamento, e seus sentimentos e suas emoções ajudam nesse processo como reguladores da atividade; é nesta fase que surge o sentimento propriamente dito. Ademais, Zaporozhets, conforme Batista (2019), traz em suas pesquisas o conceito da antecipação emocional, as emoções e os sentimentos passam a antecipar a elaboração de determinada tarefa e os resultados desta ação. Na crise dos sete anos, por fim, aparece a lógica do sentimento.

4.2 SENTIMENTO E EDUCAÇÃO

Na dissertação de Jéssica Bispo Batista (2019) é possível perceber um forte discurso de rompimento do dualismo entre razão e emoção, que quando se trata de educação, implicou na construção de teorias pedagógicas não críticas. Conforme a autora coloca a educação tem o sentido de intervir na vida de outros sujeitos, porém, a educação brasileira apresenta um projeto que não visa intervir na vida dos estudantes de uma maneira livre e emancipadora e não se preocupa com as emoções e os sentimentos, somente com a razão.

Isto se dá pelo fato de existir esse discurso que dicotomiza ambas; coloca a razão relacionada à apropriação de conhecimento e a emoção ao estabelecimento das relações interpessoais e à identificação dos valores sociais, fazendo com que a emoção seja vista como algo que atrapalha o processo de ensino-aprendizagem, ou que simplesmente não importe neste processo.

Segundo Batista (2019) uma educação crítica deve levar em consideração uma unidade afetivo-cognitiva, pois os processos afetivos e cognitivos estão em unidade na atividade humana. As emoções são o meio de comunicação utilizado pela criança,

A criança toma consciência de si principalmente por via de expressão do que ela gosta ou não gosta, ou seja, pela expressão emocional do que a afeta. Por isso, o adulto não deve se ater só à nomeação de objetos, mas também das emoções, possibilitando à criança reconhecer o “alvo” de suas emoções, para quê e para quem ela se afeta e com quais objetivos. (BATISTA, 2019, p. 105).

A figura do(a) docente é de suma importância nesse processo, muitas vezes o estudante realiza e até mesmo se afeiçoa por determinadas tarefas a partir do envolvimento emocional que estabelece com este profissional, ou seja, irá apropriar-se dos conteúdos escolares a partir do momento que atribuir-lhes sentido pessoal, além disso o envolvimento dele com os demais colegas também se faz necessário.

Os sentimentos formam-se nas relações concretas vividas entre seus pares e entre os educadores, por isso, é importante que suas atividades sejam planejadas e organizadas, já que a criança ainda está no processo de reconhecer e denominar o que sente. A nomeação e o entendimento das causas de emoções e sentimentos são intervenções pedagógicas necessárias para a idade pré-escolar. (BATISTA, 2019, p. 108).

Alcamim (2021) traz a questão dos sentimentos na educação de uma maneira diferente, pois analisa as políticas curriculares para a educação infantil no Brasil dos anos 1990 aos anos 2000. Para isto, coloca alguns marcos como o Referencial

Curricular Nacional da Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais e o Movimento Interfóruns de Educação Infantil no Brasil como facilitadores dos direitos à infância, em especial o direito de acesso à Educação Infantil; uma educação como um direito educacional para além do cuidado assistencialista; e os avanços em relação a valorização das emoções e sentimentos no ambiente escolar; “Após o RCNEI, as discussões constantes sobre os objetivos da educação infantil, abrangeram a dupla tarefa: educar e cuidar, como ações indissociáveis.” (ALCAMIM, 2021, p. 63).

A autora cita as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, documento instituído no ano de 2009, como um avanço para o debate das emoções e dos sentimentos,

Dentre os princípios básicos em que estão estruturadas as Diretrizes, os princípios políticos destacam a necessidade de a educação infantil oferecer contextos que possibilitem a formação participativa da criança que permita a expressão de sentimentos. (ALCAMIM, 2021, p. 84)

Mas ainda com uma visão gerencial e mercadológica do relacionamento humano.

Contudo, a sua pesquisa é voltada principalmente para a Base Nacional Comum Curricular, sua criação, suas versões, e especialmente a lógica da Pedagogia das Competências, que é a base estrutural dos conceitos trazidos pela BNCC e tem como objetivo formar trabalhadores adequados à organização do trabalho, a partir de uma operacionalização das práticas educativas do professor. Dentro desta Pedagogia das Competências estão as competências socioemocionais, muito enfatizadas na base.

As competências socioemocionais trazem a tona a dicotomização da cognição e da emoção, tópico já explanado neste texto, e prioriza a ideia de avaliar traços de personalidade; ou seja, restringe as infinitas possibilidades do ser humano e esquece todas as suas dimensões. A formação do sujeito se dá, nesse sentido, com uma certa apatia, um indivíduo que aceita as situações sem questioná-las, que é controlado e colocado em um parâmetro hegemônico.

A BNCC, segundo Alcamim (2021), apresenta discussões em relação a Educação Infantil, como o rompimento deste local que antes era considerado assistencialista; a integração das funções cuidar e educar; o aprendizado a partir das práticas cotidianas; e os 6 direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil (conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se). Porém, é passível de crítica no sentido de homogeneização, desconsideração das diferen-

tes realidades e individualidades; seu foco no desenvolvimento das competências e habilidades para o futuro trabalhador; seu objetivo de educação integral; e o modelo pronto que dita o que as crianças devem aprender e quando.

[...] a crítica efetiva que relaciona a BNCC a um documento que desconsidera as reais necessidades da criança, bem como, a principal função da educação em seu papel de constituição social, não prioriza o desenvolvimento integral do ser humano, evidenciado pela superficialidade dos conhecimentos ofertados aos alunos. (ALCAMIM, 2021, p. 90).

Em sua terceira versão, a BNCC coloca a discussão das emoções e sentimentos no contexto das competências gerais para a Educação Básica e os coloca como fator importante para a formação da criança. Entretanto, contraria as singularidades de cada aluno, pois as crianças receberão orientações a partir de estruturas psíquicas já padronizadas, se espera que elas se desenvolvam de acordo com o que está estabelecido pelo documento. Além disso, normatiza o trabalho pedagógico referente aos sentimentos e às emoções ao coloca-los no sentido de desenvolvê-los como forma de linguagem.

Apesar de trazer a discussão das emoções e dos sentimentos a BNCC não traz um aporte teórico nesse sentido e nem uma discussão sobre como trabalhá-los em sala de aula ou como voltar o fazer pedagógico para este sentido. O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul, também pesquisado por Daniela na dissertação, aponta os aspectos socioemocionais e sua importância na área educacional com algumas fontes teóricas; inseridos como meios da expressão humana articulados às linguagens; e em uma perspectiva de controle e adequação das emoções de acordo com os padrões aceitos socialmente.

Alcamim (2021) analisa ainda, as Orientações Curriculares da Rede Municipal de Ensino de Três Lagoas/MS que trata do desenvolvimento socioemocional das crianças na Educação Infantil também como forma de linguagem e com o objetivo de tornar o ambiente educativo um espaço acolhedor e sem discriminação de qualquer realidade.

Por fim, realiza sua pesquisa com educadoras da Educação Infantil da cidade de Três Lagoas/MS sobre os documentos educacionais e suas percepções principalmente sobre as emoções e os sentimentos. É possível perceber a partir das respostas das entrevistadas uma visão ingênua e acrítica de infância, uma ideia de moldar a criança; uma não participação da criança nos processos de planejamento

das atividades; a falta de entendimento sobre o significado e diferenciação de emoção e sentimento o que implica em uma dificuldade na organização do trabalho pedagógico; e a falta de conhecimento e criticidade em relação aos documentos, com reproduções alienadas das projeções apresentadas nestes documentos, sem questioná-las, e uma confiança depositada neles.

4.3 OS SILENCIAMENTOS AOS SENTIMENTOS

A temática dos sentimentos é bem enfatizada nas dissertações estudadas, porém quando se trata dos silenciamentos a esses sentimentos nenhuma delas apresenta considerações sobre. Ambas fazem pertinentes apontamentos sobre como se caracteriza e se identifica os sentimentos nas crianças, e sobre a ligação deste assunto à educação, principalmente à educação infantil.

Contudo, não são apresentadas falas e/ou pistas se existe um silenciamento a esses sentimentos, se estes são valorizados ou negligenciados pelos adultos. A questão de como é trabalhada esta temática na educação infantil é colocada por Alcamim (2021), que também aborda o quanto esta é pouco ou nada valorizada não só nos documentos, mas também na maioria das práticas pedagógicas. Quando o tema é abordado, isto ocorre de uma maneira vaga, sem muito suporte teórico, e falta no discurso e nas práticas uma valorização aos sentimentos das crianças.

Uma citação “[...] as emoções e sentimentos balizam a vida humana e as origens e tendências de seu desenvolvimento só podem ser buscadas na infância” (BATISTA, 2019, p. 63), pode indicar o início para uma discussão dos silenciamentos, pois traz as emoções e os sentimentos como algo que delimita a vida humana e que as suas origens só podem ser buscadas na infância, ou seja, se não forem valorizados e pelo contrário negligenciados, como a pessoa irá chegar na vida adulta? Como a pessoa que teve seus sentimentos silenciados na infância vai conseguir lidar com eles na vida adulta?

As duas dissertações foram escolhidas pelos seus enfoques nos sentimentos e as relações com a educação, entretanto não apresentam a esfera do silenciamento aos sentimentos; tema este que tive muita dificuldade em encontrar escritos sobre. Dada essa escassez de referenciais que tratem das culturas infantis, das produções das próprias crianças e da relação delas com o conhecimento que não precisa ser mediado apenas pela psicologia e com as pessoas, mas também pode ser

feita por elas mesmas; e em uma tentativa de elucidar o foco principal desta monografia, no próximo item irei dialogar o que foi trazido no referencial teórico, os trabalhos de Batista (2019) e Alcamim (2021) e o livro “Por amor e por força: Rotinas na Educação Infantil” de Maria Carmen Silveira Barbosa.

4.4 ENTRE DIÁLOGOS

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, assim como colocado por Alcamim (2021) traz a questão das emoções e dos sentimentos principalmente no que tange a indissociabilidade do cuidar no processo educativo; é imprescindível pensar em uma educação que promova o conhecimento das crianças de si mesmas e do mundo com a valorização das suas emoções, do que expressam e como expressam.

Àries (2006) trata do sentimento de infância, e apesar do intuito do trabalho estar voltado para o sentimento da criança, ou seja, como ela se sente, se está feliz, chateada, irritada, com medo etc., principalmente dentro da instituição da educação infantil, é possível perceber na leitura das dissertações o quanto esse sentimento de infância, apesar de ter mudado, ainda apresenta muitas características conservadoras. Ambas apresentam uma visão Vigotskiana dos sentimentos e do próprio desenvolvimento das crianças, voltados para a interação, o jogo de papéis. Batista (2019), por exemplo, aborda a questão dos sentimentos das crianças com um caráter mais desenvolvimentista.

Em sua pesquisa Alcamim (2021) coloca “[...] ausência da percepção da criança concreta, pois é descrita como sinônimo de alegria e felicidade, amor e inocência, um ser puro. Compatível com uma visão idealizada de infância [...]” (p. 148), a partir da entrevista com educadoras da educação infantil ao serem questionadas sobre as suas concepções de infância e criança. Muito parecido com o sentimento trazido por Àries (2006) de uma inocência infantil, pureza divina, uma fraqueza moral que precisava ser preservada, uma “santa infância”.

Os direitos das crianças, trazidos no referencial teórico apoiado nas ideias de Tonucci (2008) e Korczak (1997) também são apresentados a partir das políticas curriculares para a educação infantil no Brasil dos anos 1990 aos anos 2000 na dissertação de Daniela da Silva Pereira Alcamim (2021). Apesar de possuir muitos direitos garantidos por lei, na maioria das vezes eles não são consolidados, pois as-

sim como coloca Tonucci (2008) a criança não tem espaço nem voz no mundo em que vivemos.

As políticas implementadas no decorrer dos anos foram de suma importância para a garantia dos direitos das crianças e de sua proteção, ao pensar no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), por exemplo, e todas as discussões que ele apresenta não se pode deixar de lado a sua relevância neste âmbito.

Korczak (1997) pontua que a criança tem o direito de se colocar, tomar decisões, pensar e agir, mas é cerceada/controlada a todo o momento pelos seus familiares e nas instituições de ensino; Alcamim (2021) explana sobre a Base Nacional Comum Curricular ser um documento que faz exatamente isso, controla os alunos com habilidades e competências que devem ser adquiridas no decorrer do processo formativo, com conteúdos prontos e práticas que não irão permitir a criança de se colocar, pensar e agir.

E para além disso, não irão permitir que a criança expresse os seus sentimentos, pois mesmo apresentando as ideias das competências socioemocionais, estas não são pensadas no sentido do pequeno ser e se expressar a partir de suas individualidades, mas sim baseado em propostas já padronizadas.

Ao pensar no sentimento das crianças na Educação Infantil não se pode deixar de lado o que Staccioli (2013) observa sobre o acolhimento nestas instituições. Ele traz a questão da abertura para a escuta e do princípio acolhedor, de estar ao lado das crianças; a partir do momento que se tem uma escuta e um acolhimento não tem como haver um silenciamento aos sentimentos, pois se o adulto está aberto para escutar e acolher o que a criança traz, seus sentimentos, suas alegrias, anseios, tristezas etc. ele vai ser um facilitador no processo de entendimento desse sentimento e este vai ser valorizado; a criança vai perceber que o que ela sente é válido e importa.

Além disso, ao analisar os invariantes pedagógicos de Freinet também é possível traçar um diálogo com os sentimentos das crianças na Educação Infantil. “A criança é da mesma natureza que o adulto”, ou seja, ambos vêm do mesmo lugar; se o adulto quer que seus sentimentos sejam valorizados e respeitados, se ele espera isso das pessoas, por que não fazer o mesmo com as crianças? Por que quando a criança chora ela não pode ganhar um colo, sendo que muitas vezes quando o adulto chora ele quer um colo (só não expõe isso abertamente)?.

Em muitas salas de Educação Infantil pode-se encontrar falas que diminuem as crianças, as ridicularizam, e as colocam em posição de inferioridade, uma comunicação violenta, além de práticas vexatórias, autoritárias, castigos; tudo isto desvaloriza e silencia os sentimentos dos pequenos. Os invariantes “A criança, mais do que o adulto não gosta de ser mandada autoritariamente”, “Ninguém, criança ou adulto, gosta de ser controlado ou sancionado, o que é considerado sempre uma ofensa à sua dignidade, sobretudo se publicamente se exerce” e “Os castigos são sempre um erro. São humilhantes para todos e não condizem nunca ao fim desejado. Além disso, não passam de um paliativo” tratam desta questão.

A criança, sendo tratada desta maneira, não vai estabelecer uma relação de confiança, segurança e respeito em relação ao adulto, pode até “obedecer” mas não irá respeitá-lo, pois essa obediência estará ancorada no medo. Faz com que ela acredite que o que pensa e sente não é importante, porque não está sendo valorizada.

A rotina na Educação Infantil, apesar de normalmente ser algo fixo, na maioria das vezes precisa estar aberta a dinamicidade que carrega e, principalmente, as individualidades das crianças. Ela pode e deve levar em consideração o que a criança sente e pensa. Segundo Barbosa (2000) a rotina é “[...] uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil.” (p.40).

Todavia, a ideia de rotina carrega um discurso de controle das crianças, de hegemonia e ordem, e a partir dessa ideia fica difícil pensar na educação infantil como um espaço de valorização dos sentimentos das crianças, pois ela está alocada em um ambiente que a limita.

O uso constante das rotinas acabou por torná-la um esquema padronizado de organização da educação institucional para as novas gerações, naturalizando um dos muitos modos de entender as crianças e procedendo a partir disso uma normalização da infância. (BARBOSA, 2000, p. 207).

Há de se reconhecer a importância das rotinas para a organização dos tempos, espaços e propostas pedagógicas e livres, porém é preciso se atentar até que ponto esta rotina está sendo imposta sem pensar nas diferentes individualidades presentes naquele espaço e até mesmo sendo utilizada como um mecanismo de silenciamento destas crianças; é costumeiro ouvir o discurso de que não se tem

tempo para a escuta e o acolhimento, por exemplo, pois a rotina é muito complexa e são muitos os afazeres.

Segundo Barbosa (2000) é válido na educação infantil (re)inventar o cotidiano, as rotinas, em um movimento de recriar o que foi feito até então, fazer, desfazer e refazer; existe uma flexibilidade no uso da rotina. E é baseada nesta ideia de flexibilidade que as escolas conseguem levar em consideração as características individuais dos seus pequenos, os modos de pensar e de agir de cada um deles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão se deu em um curto período de tempo, de Maio de 2023 a Outubro de 2023, além disso, foi realizada em apenas um banco de dados, o Site de Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Dada estas condições foram encontradas poucas referências que tratassem da temática “Os silenciamentos aos sentimentos das crianças pequenas”; esta escassez de referências também pode ser um demonstrativo dos poucos estudos realizados nesta área; o que ratifica a importância deste. Mesmo realizado em um tempo tão curto e com as limitações de um TCC, a escrita aponta para a necessidade deste estudo dos silenciamentos aos sentimentos das crianças pequenas.

Reconheço que o trabalho poderia ter a ver e se relacionar com a temática do acolhimento, porém o foco se deu nos sentimentos. Durante o seu desenvolvimento pude perceber como os sentimentos aparecem e se manifestam principalmente nas crianças pequenas, foco do estudo. Além disso, entendi como desde o nascimento os seres humanos arrumam maneiras de expressar seus sentimentos, através do choro, da risada, do olhar, de expressões faciais etc.

Entender esses processos é essencial para que nós, adultos, consigamos valorizar os sentimentos das crianças e ajuda-las no entendimento deles, principalmente no espaço da educação infantil, lugar onde a maioria passa boa parte de sua trajetória de vida e escolar, e período no qual muitas questões estão em desenvolvimento.

As leituras auxiliaram no sentido de entender a criança como um ser que é, e não será; um ser de direitos assim como os adultos, que pensa, sente e age de acordo com o que acredita mesmo tão pequeno; uma sociedade que não é preparada para acolher a infância, não é organizada nem pensada para este fim; uma criança que é da mesma natureza que o adulto e por isso não deve ser tratada como inferior, afinal todo adulto já foi criança um dia, e se eu enquanto adulto não quero que façam algo comigo, por que farei com a criança?

O trabalho tinha como objetivo principal compreender como na educação infantil podemos educar e cuidar na perspectiva da indissociabilidade com o existir considerando os sentimentos das crianças pequenas. Algumas ideias são postas para pensar na valorização dos sentimentos na educação infantil, como a abertura para a escuta, o acolhimento, o entender a criança e como ela expressa estes sen-

timentos, a garantia dos seus direitos, porém acredito que esta questão fica em aberto para que os estudos continuem posteriormente; o que é um desejo meu.

Espero que esta monografia possa auxiliar familiares, responsáveis e principalmente educadores da educação infantil a mudar o olhar em relação à infância e conseqüentemente mudar suas práticas que, muitas vezes, silenciam e cerceiam as crianças. Que todos possam estar abertos a valorizar os sentimentos infantis a partir de práticas mais acolhedoras.

Que possamos educar com mais amor, acolhimento e escuta para que os sentimentos das crianças sejam valorizados e respeitados; para que a educação infantil seja um espaço seguro e feliz para as crianças; para que as crianças existam em um ambiente que cuida, educa, e acima de tudo não as negligencia.

6 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução e revisão Alfredo Bossi; Ivone Castilho. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCAMIM, Daniela da Silva Pereira. **A percepção das emoções e dos sentimentos na Base Nacional Comum Curricular e suas influências sobre as práticas pedagógicas de educadores na educação infantil, em Três Lagoas/MS**. 2021. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021.

ARAÚJO, Joaquim Machado de; ARAÚJO, Alberto Filipe. Célestin Freinet: trabalho, cooperação e aprendizagem. *In*: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org). **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ARIÈS, Philippe. O sentimento da infância. *In*: ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Campinas: [s.n.], 2000. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BATISTA, Jéssica Bispo. **O desenvolvimento de emoções e sentimentos na infância como fundamento psicológico da educação escolar**. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de ciências e letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Flávia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009. 44 p.

ELIAS, Marisa Del Cioppo; SANCHES, Emília Cipriano. Freinet e a pedagogia: uma velha ideia muito atual. *In*: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org). **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

EMICIDA. **O amor é tudo de bom**. Recife: Mr. Plot: 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hgcjl7RQSK4>. Acesso em: 16 out. 2023.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. *In*: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org). **Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KORCZAK, Janusz. **Como amar uma criança**. Tradução Sylvia Patricia Nascimento Araujo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MATTOS, Geraldo. **Dicionário júnior da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Tradução Fernanda Ortale e Ilse Paschoal Moreira. Campinas: Autores Associados, 2013.

TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança**. Tradução Maria de Lourdes Tambaschia. Revisão Ana Lúcia Goulart de Faria. Campinas: Autores Associados, 2008.